

ÉTICA NA ADMINISTRAÇÃO

Ericlen Rodrigues

Prof^a. Orientadora: Nathalia Barbosa Limeira

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

MARINGÁ

2014

RESUMO

A Ética é uma das disciplinas da filosofia consideradas mais importantes no atual contexto da nossa realidade. Ela surge para evitar que interesses particulares sejam colocados acima do bem da coletividade. O seu estudo surgiu numa época em que o mundo não era permeado e quase que regido por organizações corporativas orientadas pelo sistema capitalista. Porém, a ética tem caráter histórico e social, ou seja, acompanha e se adapta às tendências da sociedade conforme as diferentes épocas. E diante da atual realidade, sua presença se mostra imprescindível e absolutamente necessária. Este trabalho tem por objetivo abordar e analisar, mesmo que brevemente, a importância da presença da ética no contexto empresarial, não apenas de forma abstrata, mas como verdadeira fonte orientadora de ações para o bem da coletividade.

Palavras-chave: Ética. Administração. Empresas. Responsabilidade Social. Alienação.

1 INTRODUÇÃO

Embora a discussão sobre ética no que compreende a visão da filosofia ocidental tenha se iniciado com Sócrates, a ética na administração e no âmbito dos negócios é uma vertente de estudos recentes, que se configurou e se afixou nas últimas décadas. Nas faculdades de administração a filosofia - ou, em alguns casos, mais propriamente, a ética – tornou-se uma disciplina quase obrigatória.

Na realidade das organizações, a intensa situação de competitividade do mercado condiciona os indivíduos a vivenciarem conflitos frequentes, disputando fatias de mercado e posições de destaque dentro das empresas e mesmo fora delas. Na busca frenética pelo reconhecimento, pelo “status”, pela lucratividade e pelo poder, são bastante comuns depara-se com os conflitos éticos. Dessa forma, pode-se inferir que o objetivo da ética numa organização é colocar limites e parâmetros aos choques de interesses individuais existentes, servindo como espécie uma reguladora das relações, conciliando os interesses pessoais com os objetivos comuns, ou seja, os da organização, os quais são determinados pelos superiores que a dirigem.

De maneira ainda mais ampla, a ética e, por consequência, a filosofia, podem ser abordadas na administração sob diferentes temas e aspectos, conforme elucidada João Mattar (2010, p. 312):

Podemos discutir ética em relação a produtos. Pensemos, por exemplo, nos produtos que viciam ou que fazem mal. São eticamente questionáveis as decisões de

promover e vender produtos de segurança ou valor questionáveis para o consumidor, como cigarros, chicletes, balas, álcool etc. Deveríamos, nesse caso, respeitar a liberdade de mercado e de escolha individual do consumidor ou o governo deveria restringir o que pode ser comprado e vendido? E como devemos encarar eticamente questões relativas ao design de produtos, como nos casos de obsolescência programada?

Enfim, embora diante de uma visão mais superficial possa parecer contrastantes as áreas da filosofia e da administração, tendo a primeira uma característica de disciplina aberta e reflexiva e a segunda de específica e prática, a filosofia, através da esfera da ética, mostra-se de fundamental importância no âmbito da administração, servindo como base de reflexão para as diversas tomadas de decisão, que influenciam a vida de outras pessoas.

Nesse sentido, o presente estudo tem como escopo abordar, demonstrar e analisar, ainda que de forma breve, a importância da filosofia e da ética na administração, uma vez que as ações das organizações corporativas influenciam e tem grande impacto na sociedade.

2 ÉTICA

A palavra ética se origina do termo grego *ethos*, que significa "modo de ser", "caráter", "costume", "comportamento". Pode-se considerá-la como o estudo desses aspectos do ser humano: por um lado, buscando descobrir os "porquês" do nosso modo de ser e de agir; por outro, procurando estabelecer as maneiras mais convenientes de sermos e agirmos. Assim, pode-se dizer que a ética trata do que é "bom" e do que é "mau" para o ser humano.

Bom e mau, ou melhor, Bem e Mal, entretanto, são valores que não apresentam, para o ser humano, um caráter absoluto. Ao longo dos tempos, nas mais diversas civilizações, várias interpretações serão dadas a essas duas noções. A ética acompanha esse desenvolvimento histórico, para que isso sirva de base para uma reflexão sobre como ser ético no tempo presente. (UOL Educação, *online*, 2006).

Para Vázquez (1995, p. 12; 14), ética pode ser definida como "[...] a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano". E o mesmo autor complementa que, "seu objeto de estudo é constituído por um tipo de atos humanos: os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto".

Os problemas prático-morais já se encontram nas formas mais primitivas de comunidade. O comportamento moral é próprio do homem como ser histórico, social e

prático, isto é, como um ser que transforma conscientemente o mundo que o rodeia; que faz da natureza externa um mundo à sua medida humana, e que, desta maneira, transforma a sua própria natureza.

Somente a partir do amadurecimento do conhecimento e da prática do entorno da ética é que ela proporcionará benefícios indispensáveis para um bom relacionamento em sociedade, tais como: ter uma visão mais seletiva e crítica com relação ao código moral empírico vigente em sua sociedade; tornar a pessoa mais capaz de compreender a moral alheia, pertencente a outra sociedade, a outra cultura, a outro meio social; tornar os indivíduos mais abertos à possibilidade de mudança moral.

Embora deva-se reconhecer que o estudo, as concepções e as opiniões a respeito da ética enquanto disciplina são consideravelmente complexas e variadas, ater-se a este tipo de abordagem não é o objetivo deste estudo. Para as análises posteriores a essência da compreensão da ética está em que ela leva o homem a questionar constantemente suas ações e as atitudes alheias, tentando definir se elas são boas ou más, corretas ou incorretas.

3 ÉTICA NA ADMINISTRAÇÃO

As empresas, como agentes que impactam direta e indiretamente as ações e percepções na sociedade, têm se deparado, nas últimas décadas, com a questão “lucro *versus* função social”, algo não imaginado até grande parte do século XX.

Neste contexto, a filosofia, por conta da ética, vem ganhando importância diferenciada nos últimos anos no âmbito da administração, gerando temas mais atuais para este campo de estudo, como a ética da administração e a responsabilidade social corporativa.

Com o crescente aumento da complexidade dos negócios, situação que exige uma nova forma de pensar e agir do administrador, as disparidades sociais levam a repensar, também, a questão do desenvolvimento sustentável, conceito que envolve fatores sociais, econômicos e ambientais.

Além disso, outra questão bastante preocupante da atualidade, e que faz igualmente parte da pauta da filosofia, é a alienação no trabalho, as consequências que o indivíduo sofre ao ser submetido à repetição de tarefas destituídas de sentido e pertencimento para si.

A equação empresarial da atualidade está relacionada ao como potencializar o desenvolvimento dos negócios agindo de forma ética e considerando a intervenção da organização no meio.

3.1 ÉTICA NO CAPITALISMO

O capitalismo é uma teoria econômica baseada no capital, na propriedade e na competição em um mercado livre. Essa definição condensada e direta do capitalismo já é o suficiente para apontar uma questão (ou, neste caso, um contradição), ética intrínseca ao próprio sistema capitalista: podem conviver harmoniosamente o espírito da ética e o da competição lucrativa defendida pelo capitalismo?

Em relação a esta problemática Tonet (2007, p. 58), opina o seguinte:

[...] ética e capitalismo se excluem radicalmente. Se por ética entendemos aqueles valores que elevam o indivíduo a superar a esfera da particularidade para conectar-se com a universalidade do gênero humano, e se a sociabilidade regida pelo capital está fundada no interesse particular, então não há como conciliar estas duas dimensões.

O filósofo e especialista em administração de empresas João Mattar segue com opinião semelhante no que diz respeito à crítica ao sistema capitalista, ao dizer que é possível e necessário realizar uma comparação filosófica entre Capitalismo e Socialismo e criticar o pragmatismo que diz que o sistema socialista falhou. Para ele, do ponto de vista ético, o socialismo parece desenhado como um sistema muito mais justo que o capitalismo (2010).

De acordo com estas análises é possível inferir que toda a forma de fundar uma ética no interior de uma sociedade capitalista acaba resultando numa ética abstrata, contribuindo, contraditoriamente para a reprodução e manutenção dessa ordem social essencialmente injusta, visto que a ética utilizada apenas nos discursos e imagens (e não praticada verdadeiramente), ajuda apenas a promover e as empresas e seus lucros.

3.2 RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS

Somente no final da década de 60, os países europeus aderiram ao novo modelo empresarial que agregava a responsabilidade social corporativa na sua pauta de obrigações, embora no Brasil há registros mais completos dessas iniciativas a partir da década de 70.

Diante do agravamento das disparidades sociais e do nível alarmante que o risco ambiental atingiu (esgotamento dos recursos hídricos; aquecimento global, danos à biodiversidade, agressões à camada de ozônio, etc), vários países se reuniram na Conferência de Estocolmo, na década de 70, colocando em destaques estes problemas com o objetivo de tomar medidas na tentativa de saná-los.

É natural que as organizações corporativas aderiram a esta perspectiva, visto que estes problemas foram desencadeados em grande parte pelo capitalismo, alimentado por elas próprias.

Diante deste quadro vale ressaltar a visão proposta pelo filósofo Thomas Donaldson, que desenvolve interessante conceito de contrato social para dar conta dessas obrigações indiretas das empresas. Assim como no caso do contrato político desenvolvido por Hobbes, Locke e Rousseau, poderíamos pensar em um contrato original dos negócios, uma espécie de contrato metafísico, um ideal ético e moral. Ele seria celebrado entre a sociedade e as empresas, e envolveria basicamente os consumidores dos produtos e serviços da empresa e seus empregados, trazendo vantagens e benefícios para todos, assim como obrigações, e baseando-se na cláusula máxima de justiça. Esse “contrato” serviria para avaliar o desempenho das empresas da perspectiva moral (MATTAR, 2010).

Ao considerar a definição de ética de Tonet (2007, p. 58) de que por “[...] ética entendemos aqueles valores que elevam o indivíduo a superar a esfera da particularidade para conectar-se com a universalidade do gênero humano”, a responsabilidade social pode ser conceituada como o compromisso empresarial para o desenvolvimento da sociedade expresso por suas atitudes e valores, e o agir ético desta está na ponderação dos efeitos de toda e qualquer ação, se irá contribuir, ou não, para a melhoria da qualidade de vida da sociedade.

3.3 ALIENAÇÃO NO TRABALHO

A palavra alienação é oriunda do latim *alienare*, que significa “tornar algo alheio a alguém”, isto é, “tornar algo pertencente a outro”. Esse termo é compreendido de formas distintas, dependendo da perspectiva proporcionada por cada campo de estudo. Por exemplo, no direito, alienação está associada à transferência da propriedade de um bem a outra pessoa; na psicologia alienação é o estado patológico do indivíduo que se tornou alheio a si próprio, sentindo-se como um estranho, sem contato com si mesmo ou com o meio social em que vive; e na filosofia contemporânea, o termo deve muito de seu uso corrente ao alemão Karl Marx, para quem alienação é o processo pelo qual os atos de uma pessoa são governados por outros e se transformam em uma força estranha a quem a produziu (COTRIM, 2001).

Dessa forma, baseado nessa última conceituação do termo, pode-se compreender alienação, no que tange o trabalho, como a perda que o indivíduo sofre de suas

potencialidades quando não possui o controle sobre as condições nas quais trabalha, bem como sobre o produto de seu trabalho.

A alienação afeta milhões de trabalhadores nas sociedades capitalistas modernas, onde a produção econômica transformou-se no objetivo do homem, em vez de o homem ser o objetivo da produção (FONTE DO SABER, online, 2012).

Em muitas sociedades atuais ainda pode ser observado situações em que as funções do operário são reduzidas ao mero cumprimento de ordens relativas à quantidade e à qualidade da produção, sem que o indivíduo possua qualquer comando sobre o resultado final do seu trabalho, limitando-se a repetições das mesmas operações mecânicas, produzindo bens estranhos à si próprio, aos seus desejos e às suas necessidades.

Nesse sentido, o trabalho faz com o que o ser humano aliene-se do próprio gênero humano, fazendo com que perca contato com seu eu genuíno, com sua individualidade, caracterizando, desse modo, uma situação de extremo desconforto e desprazer.

O agir ético por parte das empresas, diante dessa realidade, é promover, ao invés da alienação, a humanização no trabalho, fazendo com que este seja um meio para alcançar a realização humana, proporcionando um sentimento mais humano para as atividades desempenhadas pelo indivíduo.

Ao considerar essa possibilidade, Tomelin e Siegel (2013, p. 126) elucidam que,

O ser humano vive sempre em busca de sua realização. A realização humana é sempre um projeto em construção, nunca está concluído. É a busca incessante desta realização que leva o homem a transformar a natureza em busca de sua satisfação. Se pelo trabalho há uma transformação da natureza em bens para a sua satisfação, parece evidente sua relação com a realização humana.

A realização humana neste âmbito se dá no momento em que o trabalhador se percebe como agente criador no processo produtivo e reconhece o produto final como fruto de sua liberdade e criatividade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação das empresas possui mais que simplesmente efeitos e consequências no seu âmbito administrativo e mercadológico. Seus atos se projetam por sobre diversas outras áreas, e a própria sociedade é bastante afetada por suas iniciativas, sejam elas boas ou más.

O administrador deve ser consciente de que o instrumental que manipula, no caso, uma empresa, é aquele capaz de cercear a liberdade, de alterar fatores econômicos e prejudicar populações inteiras, de prejudicar ou recuperar o meio ambiente, de eliminar ou promover empregos, de desestruturar famílias ou promover seu desenvolvimento, de intervir sobre a felicidade e o bem-estar das pessoas. A consciência ética e social do administrador é fundamental na medida em que interfere na conduta e no comportamento das pessoas e em sua forma de se organizar e distribuir socialmente.

A exigência de uma grande consciência ética requer do administrador uma formação nas humanidades. Este deve ser, pois, um pouco de historiador, de economista, de sociólogo, de antropólogo, de psicólogo e, sobretudo, neste caso, de filósofo.

REFERÊNCIAS

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas**. 15. Ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FONTE DO SABER. **Trabalho alienado**. Disponível em: <<http://www.fontedosaber.com/filosofia/trabalho-alienado.html>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

MATTAR, João. **Filosofia e ética na administração**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Filosofia geral e da educação**. 2. Ed. Indaiá: Uniasselvi, 2013.

TONET, Ivo. 2007. Ética e capitalismo. In: JIMENEZ, Susana et al. **Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: uma coletânea de estudos classistas: UECE/IMO**, 2007. p. 47-62.

UOL EDUCAÇÃO. **Ética: A área da filosofia que estuda o comportamento humano**. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/etica-a-area-da-filosofia-que-estuda-o-comportamento-humano.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.